

## Artigo Original

### O que ficou para trás: o luto da língua

What left behind: the mourning of the tongue

Luan Alex de Mattos

Angela Derlise Stübe

*Resumo:* Este texto discute a dimensão da perda e do luto em situações de mudança de língua em decorrência da migração e se orienta por uma pergunta: “Que perdas acontecem e se marcam no processo de migração e mudança de língua?”. Buscando sustentar essa discussão, trabalhamos com uma abordagem discursiva, psicanaliticamente orientada e amparada nos saberes da desconstrução. Pudemos compreender que no processo de migração, mudanças atravessam o sujeito. As perdas que se dão nesse movimento de mudança vão para além da dimensão linguística, mas nela se apoiam para se re-marcarem, e o não poder dizer se faz presente.

*Palavras-chave:* Língua; Luto; Migração; Psicanálise.

*Abstrac:* This text discusses the dimension of loss and mourning in situations of language change as result of migration and is guided by a question: “What losses happen and are marked in the process of migration and language change?” Seeking to support this discussion, we work with a discursive approach psychoanalytically oriented and supported by the knowledge of deconstruction. We could understand that in the process of migration, changes cross the subject. The losses that occur in this movement of change go beyond the linguistic dimension, but based on it to remark and the not being able to say is present.

*Keywords:* Language; Mourning; Migration; Psychoanalysis.

## Introdução

Situar-se entre-línguas, em nosso entendimento, pré-condição e possibilidade de todo sujeito falante (Derrida, 1996), é estar em uma posição marcada pela desestabilização, pelos deslocamentos e pela perda. Quando pensamos sobre as situações de migração, essa perda torna-se ainda mais presentificada. Se a língua carrega traços da cultura e sustenta o discurso – pois é sua materialidade –, colocar-se na posição de imigrante pressupõe/determina o abandono de certas possibilidades de dizer e certas formas de fazer laço, uma vez que o discurso é, como o compreendemos, laço social (Lacan, [1969] 1992 p. 40). O migrante, ao deixar o seu país de origem, “deixa para trás” determinados elementos que colaboram em seu processo de constituição enquanto sujeito e que sustentam o imaginário, que constrói para si, de uma identidade.

Chegando ao país de destino, por vezes, é a *língua dita materna* (Derrida, 1996) que acaba por ser “esquecida”. As necessidades de dizer se fazem outras, pois agora é outra a posição a partir da qual o falante se enuncia. É a partir da língua que o falante irá se inserir na cultura do país de destino. Nesse deslocamento físico, mas também de posições subjetivas, algo se perde, elementos vários que até então ajudavam o sujeito a construir o seu ideal de identidade.

Isso posto, questionamo-nos: que perdas acontecem e se marcam no processo de migração e mudança de língua? Para nos aproximarmos de uma resposta para essa inquietação, propomos uma pesquisa que se estrutura a partir de uma Análise de Discurso psicanaliticamente orientada e que dialoga com a Desconstrução (Dunker; Paulon; Milan-Ramos, 2017). Temos como objetivo geral discutir a dimensão da perda a partir de mudanças de língua em situações de migração. Como objetivos específicos buscamos: compreender o Luto em Freud; apontar perdas possíveis a partir de situações de migração; e discutir a totalidade da língua enquanto um ideal inatingível.

Buscamos discutir a dimensão da perda em sujeitos na posição de imigrante – uma perda que é em um nível real, mas também simbólica e imaginária, fazendo com que, por vezes, o falante se situe diante de um desamparo e tenha que elaborar um luto que pode não reconhecer como tal.

Este texto é construído como desdobramento de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), intitulada “*A emergência do sujeito no espaço entre línguas: interpelações discursivas em sujeitos na posição de imigrante*” (Mattos, 2021) e aprovada no Comitê Ética em Pesquisa (CEP)<sup>I</sup>. A citada pesquisa integra um projeto maior, intitulado “Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores”.

Para a construção da dissertação, trabalhamos com imigrantes haitianos residentes no município de Chapecó e realizamos quatro entrevistas *on-line* para discutir os modos como, em situações de não monolingüismo, o sujeito se constitui. Do material colhido naquelas entrevistas, trabalhamos no presente texto com algumas Sequências Discursivas (SD's) que nos interessam por, em nosso entendimento, serem atravessadas por algo que aponta um luto que se institui diante do processo migratório. Ressaltamos, mais uma vez, que a perda não se dá apenas em uma dimensão linguística, sendo extensível e estendida a elementos outros da relação do sujeito com o Outro e com o mundo.

No presente artigo nos valem de uma carta escrita por Freud para Raymond de Saussure, datada de 1938, e de um texto cujo título é *Luto e Melancolia*, publicado em 1916. Ademais, partimos de recortes extraídos das entrevistas acima citadas, para discutir a mudança subjetiva propiciada por situações de mudança linguística, seja ela uma “perda” da língua materna ou a inserção em uma nova língua. Para isso, o texto é dividido em duas partes principais (para além da seção inicial - Estratégias para produção de conhecimento - e as Considerações finais), quais sejam: “Luto pela possibilidade de dizer”, na qual propomos uma discussão a partir do texto de Freud e da supracitada carta enviada a Saussure, e “Perda do ideal monolíngue”, na qual nos voltamos para os enunciados de nossos entrevistados para discutir a dimensão do luto em situações de deslocamento linguístico e inserção em línguas outras.

---

I Parecer de nº 34857420.7.0000.5564.

## Estratégias para produção de conhecimento

O presente texto é construído a partir de uma abordagem discursiva que articula a teoria da desconstrução, de Derrida, e a psicanálise, notadamente a partir da leitura de Freud por Lacan. Entendemos que em nossa construção ambas teorias funcionam de modo inter-relacional, afetando-se mutuamente, de modo a dar conta do manejo de nosso *corpus* e de nossos objetivos. Nessa perspectiva, é apontado por Dunker, Paulon e Mílan-Ramos (2017, p. 134, aspas dos autores) que:

[...] uma condição para a aproximação entre a psicanálise e a análise de discurso é considerar as transformações contemporâneas no interior das ciências humanas, com a eleição de fenômenos coletivos. Assim, a psicanálise surge como uma estratégia de leitura mais interessante do que sua antiga utilização categorial, privilegiando a tradução de conteúdos e a aplicação de teses genéricas sobre as razões, motivos ou causas. Em outras palavras, a psicanálise passa de uma hermenêutica específica para uma tática de leitura, que incorpora a memória e a história como textualidade, a transferência do pesquisador e o texto como “outro”.

Nesse movimento de mudança, a psicanálise se aproxima por si mesma das possibilidades de análise de discurso, seja na análise de discurso lacaniana, seja nas trocas com outras teorias e práticas, como se dá em nosso caso. A psicanálise é também aquilo que Derrida nunca esquece, uma vez que mantém com ela um vínculo originário. Sem a psicanálise não há, não teria havido Derrida (Major, 2002).

Nosso texto se estrutura a partir de dois eixos principais. Em um primeiro momento, buscamos nos aprofundar no conceito de luto, tal como postulado por Freud e, para isso, trabalhamos em uma perspectiva mais teórica. Voltamo-nos para o texto de 1916 (*Luto e melancolia*) e para um trecho de uma carta – doravante faremos referência a ela como A carta – escrita por ele (Freud) em 1938, na qual confia a Raymond de Saussure a perda de sua língua materna. Isso não significa, por outro lado, que estejamos propondo uma seção estritamente teórica. A carta de Freud, ainda que publicada em livro, é tomada como *corpus* de análise, assim como as transcrições das entrevistas que serão analisadas adiante. Analisamos, a partir desses textos – *Luto e melancolia* e A carta –, como a dimensão do luto é passível de ser aplicada a situações de “perda da língua”.

Em seguida, analisamos recortes discursivos outros. Falando de modo específico acerca do *corpus* trabalhado nesse segundo eixo do texto, convém salientar que o mesmo se constitui a partir de recortes do *corpus* da pesquisa de mestrado supracitada. Para a constituição do mesmo realizamos quatro entrevistas *on-line* com imigrantes haitianos que, no momento da pesquisa, residissem em Chapecó. Neste artigo, valemo-nos de algumas SD's, isoladas das citadas entrevistas para o desenvolvimento de nossas análises. Os enunciados que compõem essas SD's já aparecem no texto da dissertação referido anteriormente, outrossim, com outro recorte – não se fazendo idênticas as SD's utilizadas no texto sobredito - e com um novo enfoque de pesquisa. Se naquela pesquisa buscamos compreender como se dá o processo de constituição do Sujeito em situações de não monolinguismo, ou situações de entre-línguas, aqui, buscamos compreender mais acerca da dimensão do luto com relação à língua.

Por considerarmos que, ainda que os enunciados sejam próximos daqueles que aparecem no texto da dissertação, por terem um novo recorte, eles são novos, novas SD's, novas leituras acerca das SD's. Neste texto, as mesmas são grafadas a partir de 01: “SD01: ...eu trabalhei com venezuelano...”. Ao final de cada SD apresentada no texto, grafa-se “E03”, fazendo referência ao Enunciador 03 por nós entrevistado (neste texto foram incluídas SD's extraídas da entrevista do *Enunciador 03*. Esse movimento não é deliberado e talvez diga das inquietações suscitadas pelos elementos trazidos pelo enunciador durante a entrevista). Por fim, a paginação no final de cada SD faz referência à localização do enunciado na transcrição da entrevista por nós realizada.

A partir daí, as análises e as discussões são desenvolvidas articulando *corpus* e teoria em um movimento pendular, tal como proposto por Petri (2013). A constituição do corpus já aponta para um primeiro gesto de análise, uma vez que ele é estruturado e os recortes são selecionados a partir de nossa pergunta de pesquisa e da relação transferencial (Dunker; Paulon; Mílan-Ramos, 2017) do pesquisador com o texto – produzido a partir da transcrição das entrevistas.

### **Luto pela possibilidade de dizer**

Em *Luto e Melancolia*, de 1916, Freud apresenta uma correlação entre o processo do luto pela perda de objeto – e possibilidades outras de perda – e o estado de melancolia. Nesse texto, Freud, em verdade, fala pouco sobre o luto, tomado como um contraste para se refletir sobre esse estado patológico do psiquismo (Souza Jr., 2021), e centra seu desenvolvimento mais sobre a dinâmica da melancolia. Compreendemos que isso se dê, pois, em última instância, o luto é um processo natural pelo qual os sujeitos passam diante de uma perda. A melancolia é entendida, outrossim, como um quadro patológico.

Na melancolia, há um desânimo profundo, perda do interesse pelo mundo externo e da capacidade de amar, inibição de atividades e perda de autoestima, culminando em culpabilização e auto-recriminação. Para Freud, com exceção da perda de autoestima, os outros elementos podem também ser reconhecidos no processo normal de luto.

O que nos interessa aqui não são os efeitos do luto propriamente, uma vez que não entendemos que o sujeito enlutado apresente necessariamente todos esses “sintomas” ou que a conclusão de todos os lutos se dê de igual modo. O que nos importa é a definição apontada por Freud no início do texto. O luto é, para o autor, “de modo geral, a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, [1916] 2010, p. 249).

Nesse “assim por diante”, reconhecemos a perda da língua, não apenas a partir de uma interdição deliberada, mas também a partir da perda de elementos outros que mobilizam o uso da língua como possibilidade. Essa perda da língua materna já é apontada por Weissmann com relação a Freud.

A autora, no texto *Migração/exílio* e a perda da língua materna (2017), discute a dimensão da perda da língua materna em situações de migração forçada e exílio. Um dos elementos que traz para discussão é o próprio exílio de Freud.

Em 1938, após o cerco nazista se intensificar, Freud deixa Viena e parte com a família para a

Londres. Em carta a Max Eitington, no dia 6 de junho de 1938, ele se mostra bastante animado com o novo país e relembra sua casa de veraneio em Grinzing por conta das janelas de seu novo quarto, que dão para o jardim. Dias depois, em 11 de junho do mesmo ano, em carta para Raymond de Saussure, o otimismo de Freud frente à nova moradia já se esvai.

Alguns dias depois da emigração, em 11 de junho de 1938, Freud escreveu para o psicanalista suíço Raymond de Saussure: “[...] talvez lhe tenha passado despercebido o único ponto que o emigrante sente de forma tão particularmente dolorosa. É – inevitável dizer – a perda da língua na qual vivíamos e pensávamos, aquela que nunca conseguiremos substituir por outra, apesar de todos os esforços de empatia. É com dolorosa compreensão que observo como formas de expressão, não obstante familiares, me falham em inglês e até com Isso [Es] tenta resistir a abrir mão da escrita gótica familiar” (Freud, 2000, p. 19 apud Weissmann, 2017).

Se Freud perde<sup>II</sup> a língua na qual vivia e pensava, não é forçoso compreender que ele perde, junto com sua língua, uma parte constitutiva de si, uma parte de seu Eu. Contudo, podemos refletir se o que ocorre não é o movimento inverso, se pela perda dessas referências de si, constitutivas de uma identidade, não ocorre paralelamente a perda – ou supressão? – da língua.

Essa língua, que Freud entende perder, é o alemão. Melman (1992) faz uma diferenciação entre a língua que o falante sabe e aquelas que ele apenas conhece. Para o autor, a língua que se sabe é a língua materna, e dizer isso, dizer que é materna, é apenas apontar que ela é, de fato, a língua na qual o falante se autoriza a falar como mestre – talvez uma língua que favoreça o aparecimento do sujeito (Milner, 2016; Revuz, 2011).

Implica-se nessa dimensão de perda da língua a perda da possibilidade de dizer e se dizer na sua língua – que em verdade é sempre língua do outro –, mas se perde também algo mais. Essa carta, com a qual Weissmann trabalha, integra um conjunto de textos outros de Freud. Cartas que configuram em seu todo uma espécie de diário e são publicadas com esse nome (no Brasil a obra está traduzida como *Diário de Sigmund Freud, 1929-1939 – crônicas breves*). No final de seu diário e de sua vida, dois eventos se sobrepõem. A sua doença, significativamente agravada, e o avanço da Segunda Guerra fazem com que seu luto pela perda da língua seja reatualizado e traga marcas desses sofrimentos outros.

O luto, por outro lado, comporta uma possibilidade de mudança subjetiva. Para Allouch (2011), “a psicanálise tende a reduzir o luto a um trabalho; mas há um abismo entre trabalho e subjetivação de uma perda. O ato é capaz de efetuar no sujeito uma perda sem compensação alguma, uma perda as secas<sup>III</sup>” (Allouch, 2011, p. 9, tradução nossa). Assim, compreendemos com o autor que muito embora o luto, pela perda que for, seja um processo, há algo aí de uma possibilidade de mudança subjetiva através da reincorporação da libido investida no objeto perdido.

Assim é que o luto é também o presente do indicativo, em primeira pessoa, do verbo *lutar*.

II Alinhados com Weissmann (2007) e Freud (2000), por vezes, faremos, nesta seção, referência à perda da língua. Nas considerações finais deste texto, a problemática será retomada.

III Original: “el psiconálisis tiende a reducir el duelo a un trabajo; pero hay un abismo entre trabajo y subjetivación de una pérdida. El acto es capaz de efectuar en el sujeto una pérdida sin compensación alguna, una pérdida a secas” (Allouch, 2011, p. 9).

Daquele que diz: “eu luto”.

Mudança subjetiva. Mudança que passa pela relação com a língua.

### **Perda do ideal monolíngue**

A língua funciona como condição de possibilidade identitária para todo e qualquer falante. Nela, fundamentamos nossa possibilidade de dizer e sermos ditos. Para Derrida (1996), essa única língua a partir da qual falamos nunca é nossa propriamente, vindo sempre de um outro lugar (Derrida, 1996, p. 14), o que não quer dizer que ela seja uma língua estrangeira. A língua é sempre língua do Outro.

Derrida (1996) trata a língua materna em torno de um monolinguismo que, entretanto, é plural e marcado sempre por um porvir. Promessa de uma língua una, que há de vir de outro lugar (Derrida, 2006). Ideal monolíngue como um pilar que sustenta Babel: é ideal, mas também é lei.

Cada vez que eu abro a boca, cada vez que falo ou escrevo, eu prometo. Que eu o queira ou não: a fatal precipitação da promessa deve-se dissociar dos valores da vontade, da intenção, ou do querer-dizer que lhes são razoavelmente amarradas. O performativo dessa promessa não é um speech act entre outros. Ele está implicado por toda outra performatividade; e essa promessa anuncia a unicidade de uma língua por vir [...]. Ela é a monolíngua do outro. O de não significa tanto a propriedade, mas sim a origem: a língua é para o outro, vinda do outro, a vinda do outro<sup>IV</sup> (Derrida, 1996, p. 126, tradução nossa).

Almejado, o monolinguismo buscado pelo sujeito nunca é mais do que promessa. Promessa de um outro Uno e não cindido? De uma mãe-Outro – na medida em que entendemos a mãe como protótipo do Outro da criança (Fink, 1998) – não castrada e não faltosa?

Nas situações de migração, forçada ou não, essa busca de uma língua Una em que o sujeito possa (se) dizer é ainda mais presente. De acordo com Weissmann (2017, p. 187):

Na migração, a grande perda remete aos referentes do contexto e da cultura que dão sustentação e apoio a aqueles que fazem parte do social. O migrante perde essas referências e começa um comprido périplo de busca entre a cultura, a língua e os referentes do lugar de origem e a novidade dos novos apoios sociais que a migração oferece, sem que isso seja garantia de que o sujeito conseguirá se estruturar como um sujeito intercultural inserido e atravessado pelas diversas culturas que o marcaram.

Essa perda de referência e a busca por novas não se dá sempre de igual modo. Dentro de uma comunidade constituída por imigrantes e na relação com esses, parece-nos haver uma maior possibilidade de sustentação desse imaginário (nesse caso, apontamos as antigas migrações e a manutenção de

IV “Chaque fois que j'ouvre la bouche, chaque fois que je parle ou écris, je promets. Que je le veuille ou non: la fatale précipitation de la promesse, il faut ici la dissocier des valeurs de volonté, d'intention ou de vouloir-dire qui lui sont raisonnablement attachées. Le performatif de cette promesse n'est pas un speech act parmi d'autres. Il est implicé par tout autre performatif; et cette promesse annonce l'unicité d'une langue à venir [...] Elle est la monolanguage de l'autre. Le de ne signifie pas tant la propriété que la provenance: la langue est à l'autre, venue de l'autre, la venue de l'autre” (DERRIDA, 1996. p. 126).



determinadas variantes de línguas europeias em território brasileiro, bem como na manutenção de determinadas tradições culturais que, ainda que sofram transformações, colaboram na manutenção dessas referências). Outra possibilidade se dá na medida em que o sujeito falante é totalmente inserido na cultura e na língua do Outro, em uma estabilização forçada.

Tais efeitos podemos interpretar no corpus por nós analisado, especialmente na Sequência Discursiva 01, recortada da entrevista do Enunciador 03, que trabalha em uma agroindústria da cidade de Chapecó e, nesse espaço de trabalho e socialização, entra em contato não apenas com brasileiros e imigrantes haitianos, mas também com imigrantes venezuelanos. Há aí algo que é de outra ordem, uma confluência de línguas e possibilidades se presentifica. Há uma abertura para o *diferente* do *diferente*. Nesse encontro com um outro, desconstrói-se o imaginário de uma língua una.

**SD01:** ...eu trabalhei com venezuelano. Na verdade eu não/ eu pode/ eu posso entender algumas coisas em espanhol mas/ eu não falo muito bem espanhol. Mas quando a pessoa ta falando da pra mim entender um pouco/ Mas ele também não fala português. As vez eu preciso conversar com ele em português, mas/ ele não me entende<sup>V</sup> (E03, p. 09).

Enunciador 03 vem para o Brasil e aqui se sustenta e se organiza enquanto sujeito social e historicamente situado a partir de uma ideia: diferentemente do Haiti, país com duas línguas oficiais, no Brasil, fala-se apenas uma, o português. Ilusão e ideal monolíngue que se esfaca quando, em algum momento, o falante se depara com a multiplicidade do dizer alicerçada em diferentes códigos linguísticos. Se o enunciador acreditava que a partir do português poderia dizer a todos e por todos ser compreendido, essa ilusão se desconstrói diante do outro e da impossibilidade da totalização da língua.

A identidade não é assegurada pela língua (Melman, 1992, p. 37), uma vez que o sujeito está sempre em exílio. Na migração, essa constituição de uma identidade estável é ainda mais prejudicada. A língua é sempre outra, e nesse caso em que se confluem o espanhol, o crioulo, o francês e o português, a não coincidência é evidenciada e a diferença se re-marca. Não há possibilidade de um dizer sem falhas, pois entre aquilo que o enunciador busca dizer e aquilo que o seu interlocutor ouve, algo sempre se perde e também sobra. Nisso que se pode perder ou sobrar, instaura-se um efeito de luto, uma possibilidade de mudança subjetiva.

Uma vez que há aí algo que se perde, entendemos que seja a ilusão de totalização da língua. Tal efeito também podemos interpretar na SD02:

**SD02:** Ele também, no caso ele for falar espanhol comigo eu não vou entender tudo também. O espanhol tem/ pessoa que fala o espanhol certo mas tem também que fala um jeito diferente/ não da pra entender muito bem. Por isso que eu vi que esse problema não acontece só com/ os

V O leitor irá perceber uma diferenciação na redação das SD's recortadas da fala de nossos enunciadores. Se, por vezes, utiliza-se barra e outras usa-se a vírgula na escrita da transcrição é para diferenciar os modos – e tempos – de pausa do enunciador. Em síntese, quando utilizamos a barra, buscamos apontar uma pausa fonética. A vírgula é utilizada no espaço entre-palavras, que não se reconhece necessariamente como uma pausa do enunciador, e aponta para a necessidade (ainda que não intencional [pois atravessados também nós pela língua do Outro]) de uma adequação sintática por parte dos autores.

imigrante haitiano mas com imigrante venezuelano também/ porque/ uma vez eu perguntei pra ele/ ele tá a quanto tempo aqui no Brasil e ele falou que/ já vai fazê dois ano mas não consegue fala o português direito/ ainda// (E03, p. 09).

A partir desse estrato da entrevista realizada com E03, entendemos que há algo de uma perda, não apenas com relação ao uso da língua enquanto possibilidade, mas também com relação à língua enquanto possibilidade em si. Para E03, há um “*espanhol certo*”, e é ao afastar-se desse ideal linguístico que a fala do sujeito se faz incompreensível, ou, ao menos, que “não dá pra entender muito bem”.

E01 aponta aí um desencontro linguajeiro. Entre o falar do outro e o entender daquele que ouve, há algo que se perde. A partir da SD02, compreendemos que E03 marca que esse não entendimento entre-línguas não é propriamente aí localizado. Ainda que ele não vá entender tudo (SD02), esse não entendimento se dá em razão de o colega de trabalho venezuelano falar de um *jeito diferente*. Nessa perspectiva, o problema no desencontro dos significantes estaria no outro.

O colega, morando há dois anos no Brasil, não fala o português direito e, por isso, não é entendido. Se tomamos esse enunciado como uma verdade e assumimos que de fato é isso o que ocorre, finda-se a análise. Propomos, por outro lado, ir um pouco além. A projeção é um mecanismo de defesa egoico que atribui ao outro características e singularidades do próprio sujeito, no intuito de manter um funcionamento psíquico mais estável. Não tomamos como evidente que E03 trabalhe a partir de mecanismos projetivos, mas propomos a interpretação de seu dito, como uma perspectiva adicional, na medida em que compreendemos que a estrutura de verdade do texto é incompleta (Dunker; Paulon; Milan-Ramos, 2017, p. 110).

Parece, mais uma vez, que há algo da pequena diferença entre o Eu e o outro desestabilizando o sujeito. A partir do apontamento de uma falta na língua do outro, que E03 reconhece e significa como um *jeito diferente* (SD02), contrapondo-se ao *espanhol certo* (SD02) – e que entendemos como uma busca por uma língua pura e purista e, portanto, amparada na gramática –, há um desvio com relação àquela língua que falta em E03. Há de fato um deslize do espanhol para o português, já que é do espanhol que E03 vem falando, mas há também com relação ao português uma falta. Ora, é acordado que o falante tenha de enunciar em português brasileiro – ambos, haitianos e venezuelanos – e, quando essa língua falta e o falante tem de se resguardar em sua língua outra, há, nesse caso, um desacordo ou uma quebra desse contrato linguístico.

Entendemos que haja, nesses termos, o reconhecimento de uma (*in*)familiaridade com relação a esse outro cuja falta se marca quando busca se dizer na língua do outro. A fala dele, que se afasta de um “*certo*” lembra o enunciador que nem tudo pode ser dito e que a língua – a do outro (como materna-estrangeira) e a sua (como materna ou estrangeira) – irá falhar.

Falha da língua, falta da língua. A língua, tendo constitutivamente a falta como marca, marca a inserção do Sujeito no campo do simbólico, do seu assujeitamento ao Outro. A partir daí algo se perde. Não há mais a completude dual e imaginária, havendo, desde aí, a necessidade de elaboração dessa perda fundamental que é a possibilidade de o sujeito vir a ser enquanto tal. Elaboração, se quisermos, de um luto fundamental, processo da constante mudança subjetiva, já que não há identidade rígida, e



instituição do sujeito na linguagem, cisão do sujeito.

### Considerações finais

A inserção do sujeito falante no campo do simbólico é marcada pela perda, constitutiva de sua posição no mundo. Se sua entrada nesse campo traz consigo possibilidades novas e ricas ao falante, por outro lado ocasiona perdas que lhe são bastante frustrantes e dolorosas. Retomando Lacan ([1953] 1982) e Lacan e Granoff (1973), compreendemos que a inserção no simbólico e, portanto, no campo palavra dita pelo falante – a palavra pela qual ele é dito o precede – coincide com a triangulação da relação mãe-criança.

Se a relação da criança com a mãe ou com quem para a criança desempenha a função materna se sustenta no registro do imaginário, a assunção ao simbólico depende da ocorrência de um terceiro termo, a saber, o pai ou alguém/algo que incida sobre a relação mãe-criança colocando aí um ponto de basta, triangulando a relação, fazendo-se Outro para a mãe e colocando a criança no processo de alienação e separação. O que se perde no contato com o simbólico é a ilusão da completude e da totalização.

Há aí uma perda fundamental e fundante para o sujeito. Esse luto pela “perda da língua materna” vai, se não se repetir, reatualizar-se ao longo da vida do sujeito falante com relação à perda de possibilidades outras de dizer. Nas situações de migração, o luto se reatualiza e se faz, mais uma vez presente, sem deixar de, por outro lado, propiciar a mudança subjetiva enquanto possibilidade para aquele que fala e se insere na língua – sempre – do outro.

Ainda que em nossa discussão tenhamos focado na relação do imigrante com a(s) sua(s) língua(s) e perdas outras tenham tido menos destaque, não é por essa razão que elas não se dão – sabemos que muito pelo contrário. Há, no momento da vida em que nossos enunciadores são entrevistados, um distanciamento da família, de amigos, do próprio país e de pessoas e elementos outros que certamente colaboram na produção de um luto e conseqüente – pois o trabalho do luto sempre assim promove – mudança subjetiva no sujeito. Se essas perdas não foram discutidas no texto, é em razão de não aparecerem na fala dos enunciadores.

As entrevistas, realizadas entre agosto e setembro de 2020, foram propostas tendo como objetivo investigar a relação do falante com suas línguas. A partir de uma questão aberta, os falantes poderiam falar livremente. Outrossim, 2020 também foi o ano em que a pandemia da COVID-19 (Werneck; Carvalho, 2020) teve as políticas de contenção e prevenção de contaminação mais presentes e incisivas, havendo fechamento de estabelecimentos comerciais, escolas e também de fronteiras entre países.

Como já apontado anteriormente (Mattos, 2021), os entrevistados, no espaço virtual da entrevista – que é espaço de investigação, mas também de escuta –, falaram mais sobre suas dinâmicas relacionais com o francês e o crioulo haitiano. Acreditamos que o isolamento social e a separação dos entrevistados de pessoas que lhes são caras e que nesse período estavam no Haiti possam ter provocado nos entrevistados esse “retorno” a uma época outra. Assim, não é no encontro com o outro falante que o luto se faz presente.

Os enunciadores não falam do luto da inserção na língua do outro, permitem-se – se – dizer a

partir desse lugar de pessoa enlutada e vivenciar esse luto, lembrando seu país, sua escola, o contato com os avós...

Acreditamos, também, que não tenham falado de lutos que vivenciam em razão de sua condição como imigrantes haitianos no Brasil, pois houve um interesse outro no desenvolvimento da pesquisa, que os levou a falar da inserção nessas línguas outras, e também em razão de estarem vivenciando o luto, a perda, o medo.

Um tema e expressão que aparecem durante a construção do texto é a “perda da língua materna” ou da perda da língua. Não nos parece, à primeira vista, que essa seja a melhor forma de dizer desse rompimento de laço com a língua e da não possibilidade de dizer. Entendemos que haja aí algo muito mais potente que faz com que essa língua seja suprimida. Essa língua potente e que por isso *afeta* o sujeito das formas mais diversas faz com que, por vezes, o falante não consiga dizê-la, dizer nessa língua dita materna. Isso não implica, de modo algum, que compreendemos uma perda da importância dessa língua para as possibilidades de subjetivação do sujeito falante, pelo contrário. O fato de não poder dizer aponta justamente para o fato de que ela ainda se encontra presente no campo simbólico e psíquico do sujeito. Presente com tanta potência, tanta força, que pode acabar sendo suprimida, pois não é mero código. Não há exclusão do psiquismo, não há perda. Pode haver, e aí cabem mais estudos, a possibilidade de repressão desse elemento subjetivante.

Ainda assim, a língua suprimida aparece. Marca-se no esquecimento de palavras na língua do outro, nas trocas, nos deslizos. Marca-se na singularidade fonética e fonológica daquele que, enunciado na língua do outro, mostra marcas de “sua” língua, aquela língua que, ainda que venha sempre de um Outro lugar, é a primeira na qual o sujeito falante é inserido, língua na qual ele se autoriza a falar como mestre. Língua que, por outro lado, pode silenciá-lo. Língua de elaboração, mas também de repressão. Língua de luto, mas também língua de luta.

A língua materna, com a importância e potência que tem para aquele que nela enuncia e por ela é atravessado, não nos parece ser algo que apenas *se perca*. Caso isso ocorra, há razões significativas para que isso se dê. Considerando o que tem sido exposto, acreditamos que, em razão de algo que escapa ao sujeito e o confronta com o Real, há aí algo que aponta para um não poder dizer. Para Milner (2016), há algo na língua materna que a impede de ser contabilizada com as outras. Há uma potência e singularidade que fazem dela única, uma vez que se aproxima de *lalíngua* – esse conceito/significante laciano que aponta para o não todo da língua – e, portanto, do inconsciente. Assim, entendemos que mais estudos nesse sentido se façam necessários.

## Referências

ALLOUCH, J. **Erótica del duelo en tiempos de la muerte seca**. 1 Ed. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2011.

COURTINE, J. **Análise de discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

DERRIDA, J. **Le monolinguisme de l'autre**. Paris, França. Galilée, 1996.

DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MÍLAN-RAMOS, J. G. **Análise Psicanalítica de Discursos: Perspectivas Lacanianas**. 2. Ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

FINK, B. **O sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1916). *In: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, [1917-1915] 2010.

LACAN, J. (1953). Le symbolique, l'imaginaire et le réel. *In: Fragments 3*. Paris: Bulletin intérieur de l'école lacanienne de psychanalyse, p. 107-139, 1987.

LACAN, J.; GRANOFF, W. Le fétichisme : Le symbolisme, l'imaginaire et le Réel. *In: Fragments 3*. Paris: Bulletin intérieur de l'école lacanienne de psychanalyse, p. 73-105, 1987.

MAJOR, R. **Lacan com Derrida**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MATTOS, L. **A emergência do sujeito no espaço entre línguas: interpelações discursivas em sujeitos na posição de imigrante**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). PPGEL, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <[MATTOS.pdf \(uffs.edu.br\)](#)> Acesso em: 18 out. 2023.

MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo: Escuta, 1992.

MILNER, J. C. **O amor da língua**. Trad. P. S. de Souza Jr. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2016.

MATTOS, L. **A emergência do sujeito no espaço entre línguas: interpelações discursivas em sujeitos na posição de imigrante**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). PPGEL, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <[MATTOS.pdf \(uffs.edu.br\)](#)> Acesso em: 18 de outubro de 2023.

PETRI, V. Funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do dispositivo experimental da análise de discurso. *In: DIAS, C.; PETRI, V. (org.) Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM, p. 37-48, 2013.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Linguagem e identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Fapesp, p. 213-230, 2001.

SOUZA JR. P. S. A tradução, avesso da relutância: Freud, Saussure, Lacan e assim por diante. *In: Cadernos de estudos linguísticos*. V. 63, p. 21-29. 2021.< Disponível em: [A tradução, avesso da relutância | Cadernos de Estudos Linguísticos \(unicamp.br\)](#) > Acesso em: 18 out. 2023.

WEISSMANN, L. Migração/exílio e a perda da língua materna. *In: Cadernos de psicanálise (círculo psicanalítico/rj)*. n.º 37, p. 185-206, 2017. Disponível em: <[v39n37a11.pdf \(bvsaud.org\)](#)>. Acesso em 04 jun. 2021.

WERNECK, G. L.; CARVALHO M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *In: Cad. Saúde Pública*, v.36 nº5. Disponível em: < [scielo.br/j/csp/a/pz75jtqN-C9HGRXZsDR75BnG/?format=pdf&lang=pt](#) >. Acesso em: 02 fev. 2020.